

OS PSICANALISTAS GOSTAM DE ORDEM

JEAN CLAVREUL

Ao fazer isto, essa Ordem de psicanalistas se arroga uma competência, no sentido jurídico do termo, completamente exorbitante em relação ao direito ordinário. Pois não é a ordem dos médicos, dos advogados, dos arquitetos, dos farmacêuticos que decide quem tem o direito ao título de médico, de advogado ou outro. Limita-se a registrar um título dado alhures, na ocorrência um diploma outorgado pelas faculdades ou escolas.

E a gerenciar a moral profissional... que não é inútil chamá-la pomposamente de “ética”, enquanto se trata de uma deontologia já que esta palavra nos foi dada por este louco de Jeremy Bentham. A palavra não é boa porque deontologia é o conjunto de regras que se dá uma profissão para garantir a sua respeitabilidade e as relações entre os profissionais. Até aqui, as associações psicanalíticas limitaram-se a ditar regras de deontologia, especialmente para a formação. Serge Leclaire, igualmente, enuncia também “standards” de formação entorno das quais espera obter um consenso.

Mas, como não lembrar que a propósito de Bernfeld, Groddeck e outros, Freud mostrava que era preciso às vezes passar por cima dos standards, para grande escândalo da comunidade psicanalítica de então? Como esquecer que, desde os anos 50, Bernheim, Balint, Lacan diziam que esses standards, tão constrangedores quanto possam ser, não constituíam, de modo algum, garantia de formação? Esta constatação, já perceptível em Freud (“Análise terminável e interminável”) nunca foi ouvida pelas autoridades da IPA. Bem recentemente ainda, André Green e Serge Lébovici declaravam se ater às regras ditadas há meio século, para uma prática utilizada por Freud há um século. Deve-se concluir que Deus inspirou diretamente o fundador da psicanálise lhe dando regras eternas? Ou então pensar que o fato de estabelecer uma deontologia estrita torna as “autoridades”, como dizia ironicamente Freud, surdas às advertências mais motivadas? Pois há belo e bem uma ética da psicanálise, percebida desde o começo por uma das primeiras pacientes a ter se beneficiado da “talking cure”. É de fato uma ética específica, porque se deve ao que a experiência nos ensina. Sabemos que se morre, que se fica na angústia, no sofrimento, na neurose, que se mergulha na loucura, que se marginaliza na droga ou na delinquência porque na nossa sociedade falta cada vez mais respeito pelo discurso do outro, porque ela está sempre mais disposta a excluir do que ser perturbada nos seus valores, nos seus ideais, nos seus hábitos. Sabemos também que é muito difícil falar ou o que dá no mesmo, ouvir o que emerge apenas de modo confuso e deturpado. Bem mais, sabemos que é pela palavra que o homem pode existir... este “faleser” dizia Lacan. Quando ele sabe isto – ouçamos bem: quando ele sabe por experiência própria –, o psicanalista não corre o risco de se livrar nesses abusos denunciados tão voluntariamente. Bem ao contrário, encontra-se precipitado a trabalhar, sempre mais, e não apenas nos livros, para enriquecer sua experiência neste campo pouco explorado aberto pela psicanálise. Não pode se deixar enclausurar na “suficiência” que lhe produz um status social ou um saber concebido como um prêt-à-porter ao qual conviria apenas ajustar às medidas de cada paciente.

O psicanalista é bem outra coisa do que a pálida silhueta do funcionário da psicanálise que se perfila no quadro ordinal proposto por Leclaire, bem outra coisa também que o assalariado da cura das neuroses, esperado pela ordem médica, bem outra coisa enfim que um membro de uma corporação inscrita na ordem social desejada pelos poderes públicos. O psicanalista não pode, sem se renegar, desconhecer que sua disciplina não cessa

de operar o que Freud chamava uma revolução copernicana? O homem habita a linguagem que não é um simples sistema de comunicação, como possuem alguns outros animais. Ele não habita a terra e, sem a linguagem, não teria tido nem os meios, nem a idéia de deixá-la para ir à lua ou alhures. Ele também não habita sua família, sua sociedade e pode legitimamente preferir sua revolta, como se sabe desde o Édipo (em Colônia) e Antígona. Ele não habita nem mesmo seu próprio corpo, a ponto de poder preferir a morte à submissão e à indignidade. Não são as idéias que governam os homens, mas seus desejos, que não se confundem certamente com a busca da felicidade e do prazer.

O trajeto já longo realizado pela psicanálise, é preciso que cada psicanalista o faça por sua própria conta. Senão não perceberá nem mesmo que voltou a um intuicionismo inconsciente. Se encontra no trajeto uma instância ordinal, aureolada do prestígio do saber e da respeitabilidade, que lhe diz que tudo bem assim, que doravante ele é psicanalista, tem alguma chance de ficar aí. A experiência da IPA é em relação a isto conclusiva. Assim como o principal mérito de Lacan é de ter mostrado que o respeito à obra de Freud recomendava não ficar aí, onde ele havia deixado a psicanálise, mas prosseguir o caminho que começou a abrir.

Sob o pretexto de considerações realistas, o diploma de psicanalista poderia ser apenas um chocalho, cujos crédulos seriam primeiro os psicanalistas não-médicos e não-psicólogos. Pois não basta ter o diploma para exercer a psicanálise. É preciso ter clientes. E durante muito tempo ainda, estes se dirigirão mais voluntariamente aos médicos. Também, enquanto a Ordem dos médicos não estiver disposta a retirar os privilégios que outorga aos seus administrados, o que prevalecerá serão estas gambiarras bem azaradas, reembolsadas pela Seguridade Social, desde que efetuadas por médicos, psiquiatras se possível, que nada garante que têm a mínima formação psicanalítica. Aprendiz de feiticeiro, são eles que são no mais das vezes responsáveis por esses abusos imputados aos psicanalistas.

A Ordem dos médicos conhece estas derrapagens, estes abusos, como conhece também o abuso escandaloso, na França bem particularmente, de prescrições de neurolépticos, assim como conhece o desenvolvimento de medicinas alternativas praticadas por médicos, no entanto. Reprova tudo isto, mas não pode fazer nada! Acredita realmente que a Ordem dos psicanalistas teria o poder de orientar uma prática da psicanálise com contornos evidentemente muito mais incertos que os da medicina? Acredita que esta Ordem teria poder para interditar aos médicos e aos psiquiatras a prática de psicoterapias reivindicando a psicanálise?

Leclair, pare de sonhar. Pare sobretudo de fazer sonhar os analistas e os candidatos analistas que, por preguiça, teriam vontade de adormecer sobre o macio travesseiro de sua “interface”. Você bem sabe que é porque Lacan despertou os analistas que foi expulso da IPA. Porque desempoeirava o dogmatismo na teoria, o academicismo na prática. Porque fabricava muitos verdadeiros psicanalistas, dos quais até mesmo você. Acredita realmente que chegou o momento de dormir novamente?